

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed. 2003. ISBN: 85-7110-699-1

Daiana Stasiak**



Os desafios à Comunidade

Zygmunt Bauman apresenta em sua obra *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, a gênese do conceito de comunidade e discorre acerca de sua permanência ao longo do tempo, desde a “modernidade sólida” passando pela construção do Estado-nação até a “modernidade líquida”. Para tanto, a obra faz uma retomada linear dos acontecimentos que foram pontos de transformação da sociedade nos últimos séculos e considera o conceito de comunidade em cada ambiente.

Nesse contexto, o aparecimento dos meios de transporte, o desenvolvimento dos meios de comunicação e o conseqüente aumento da velocidade dos fluxos de informações são as primeiras características que colaboram, segundo o autor, para a tornar a unidade mais difícil de ser concebida.

Antes de abordar outras alterações é coerente esclarecer algumas definições do conceito de comunidade, Bauman resgata um estudo de Rosemberg (2000), que a batizou como “círculo aconchegante” essa crença na união humana formada por entendimentos compartilhados que se tornam hábitos e são incorporados pelas pessoas. Além disso, caracteriza-a também a partir de Robert Redfield (1971) que explora a comunidade como o local fiel à sua natureza na medida em que é: distinta dos outros agrupamentos humanos, pequena e auto-suficiente, sinteticamente é uma acomodação do berço ao túmulo.

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria UFSM. Graduada em Relações Públicas pela UFSM.

Essas comunidades seriam homogêneas porém, as dificuldades encontram-se quando algumas condições começam a desabar, como por exemplo, o momento no qual as trocas entre o mundo exterior e o interior passam a ser mais intensas do que as realizadas internamente.

Seguindo a linha dos acontecimentos que alteraram as sociedades Bauman aponta a Revolução Industrial como o período que traz modificações, principalmente devido a emancipação do indivíduo, este que é massificado pelo capitalismo moderno e levado ao chão de fábrica onde desmantela a concepção de sentido do trabalho. A separação entre o meio de vida (trabalho) e o lar leva o indivíduo a uma rotina de controle que transgride sua dignidade, os camponeses e artesãos até recebem propostas de novas perspectivas de emprego (que na verdade eram tentativas mascaradas para aumentar a produtividade) mas essas não trazem de volta a dignidade perdida.

A questão da liberdade e segurança é o paradoxo da manutenção da comunidade, afinal é quase impossível que estas duas práticas exerçam seus papéis ao mesmo tempo. Pois, a segurança sempre requer o sacrifício da liberdade enquanto essa só pode ser ampliada às custas da própria segurança.

No contexto do surgimento do Estado-nação os traços são homogeneizados, a oposição entre nacionalistas e liberais faz com que Bauman reflita sobre as minorias que não possuem escolha: ou assimilam a cultura imposta pelo Estado, ou são desmanteladas. Neste ponto o autor chega a uma discussão pertinente sobre a globalização, para ele, há uma transformação dos preceitos do Estado que abre mão do controle dos processos e deixa-os nas mãos do mercado, caracterizando o vazio institucional.

A transformação nos modos de interação, é relevante e explicativa, pois o capitalismo traz a questão do vazio moral no qual, apesar de estarem reunidas, as pessoas perdem o intercâmbio. O advento das tecnologias para alguns serviços também transforma o ambiente social e o sentido das comunidades torna-se cada vez mais dispensável, não há mais união das forças para agir.

A consequência da industrialização é uma geração de bem-sucedidos que já não debita mais sua confiança na comunidade, ao contrário, acreditam que até mesmo podem perder recursos se inseridos nela. Assim, a nova elite extraterritorial, com valores efêmeros de repulsa e fuga das outras vidas,

tem como endereço o e-mail e o número do celular. Apesar de fazerem parte de vários territórios esses indivíduos não possuem uma cultura de interatividade global, eles são cosmopolitas limitados pelo trabalho e acabam exercendo uma fuga da comunidade.

Um traço relevante apontado por Geoff Dench (1986) é resgatado na obra, o de que a comunidade exige a “obrigação fraterna”, assim, partilhar vantagens não é sinônimo de lucros para os bem sucedidos, que consideram os demais indivíduos fracos e deixam para trás as pontes que os fizeram chegar à riqueza.

No contexto contemporâneo o texto traz uma definição das comunidades estéticas fundadas em torno de assuntos superficiais como as celebridades, por exemplo, essas são caracterizadas pela natureza transitória dos laços que surgem entre os participantes através de vínculos sem compromissos éticos.

O indivíduo e seus grupos necessitam de reconhecimento diante dos demais para se manter, o pedido por reconhecimento ocorre quando uma categoria sente-se prejudicada perante os outros. Porém, as mudanças sociais trazem um indivíduo centrado na sua própria satisfação, assim Bauman propõe que a injustiça mudou de sentido pois, hoje, é injustiçado quem é deixado para trás em uma vida cheia de prazeres. Antes, a satisfação era coletiva e justificava a comunidade e todas as suas obras. Agora, os problemas são enfrentados e resolvidos solitariamente não cabendo mais o papel de uma comunidade coletiva. Afinal, o indivíduo passa a ser o resultado de seus esforços e de sua sorte.

Apesar dessas desintegrações a noção de lugar é ainda valorizada, há necessidade de se pertencer a uma sociedade na qual as pessoas desenvolvem valores como a lealdade, por exemplo. Em meio à insegurança e ao descaso global as pessoas buscam abrigos.

Em contraponto, Bauman insere a moradias dos guetos de humilhados e estigmatizados e os caracteriza como a pura impossibilidade de comunidade criticando a utilização do multiculturalismo de forma ambiciosa pelos detentores do poder, pois, muitas vezes o termo significa um descaso com relação à diferença, ou melhor, um modo de ajustar o papel das classes a uma rendição, como se proclamassem a elas que “sigam seu próprio curso”, certamente isso só tem credibilidade em uma sociedade de indiferenças.

Em suas conclusões, Bauman questiona-se sobre a possibilidade de ainda existir uma humanidade unida em meio a tantos isolamentos e acredita que as culturas existem mas não compartilham o que pode levar à desunião. Apesar do contexto globalizado, o autor acredita nos ideais de confiança e cumplicidade entre as culturas, e lembra que quanto mais abertura houver por parte da cultura que acolhe, maior será a probabilidade de um imigrante tornar-se membro e colaborar com o novo país. Assim, estabelece-se uma relação de segurança e superação da pluralidade cultural.

Portanto, a comunidade distancia-se de seu ideal quando são erguidos muros tanto concretos quanto ideológicos de resistência e oposição às culturas, e conseqüentemente não se completa no seu sentido mais coerente: um grande abrigo que protege os indivíduos. Por isso, nesta época de turbulências, em que as culturas são reconhecidas e coexistem, mas não se relacionam, é importante que haja a união para que se superem as influências da globalização que visa controlar as condutas dos indivíduos.